CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SVEN NYKVIST – O CULTO DA LUZ VIVA
11 e 12 de janeiro de 2022

CRIMES AND MISDEMEANORS / 1989

(Crimes e Escapadelas)

um filme de Woody Allen

Realização e Argumento: Woody Allen / **Fotografia:** Sven Nykvist / **Montagem:** Susan E. Morse / **Direção Artística:** Santo Loquasto / **Coordenação Musical:** Joe Malin; música de Bach e Schubert; canções de Cole Porter, Nacio Herb Brown, Arthur Freed, Victor Young, etc / **Intérpretes:** Caroline Aaron (Barbara), Alan Alda (Lester), Woody Allen (Clifford Stern), Claire Bloom (Miriam Rosenthal), Mia Farrow (Halley Reed), Joana Gleason (Wendy Stern), Anjelica Huston (Dolores Paley), Martin Landau (Judah Rosenthal), Jenny Nichols (Jenny), Jerry Orbach (Jack Rosenthal), Bill Bernstein (orador), Stephanie Roth (Sharon Rosenthal), Gregg Edelman (Chris), George Manos (Fotógrafo), Sam Waterston (Ben), Zina Jasper (Carol), Dolores Sutton (secretária de Judah), Martin Bergman (Professor Louis Levy), etc.

Produção: Jack Rollins e Charles H. Joffe, para a Orion / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1989 / **Estreia em Portugal:** Amoreiras, Condes, Londres, Quarteto, em 27 de Abril de 1990.

Crimes and Misdemeanors é um filme do período que vai de **September a Husbands and Wives**, e onde tem mais peso a faceta "angustiada" do autor com uma série de filmes que na maior parte dos casos circulam à volta da desagregação familiar, da angústia e do sentimento de culpa, e mesmo quando tal se faz através do humor, este toma características mais sombrias do que um melodrama, num riso que nos deixa "indispostos" (o episódio **Oedipus Wreck** de **New York Stories**), ou derivas metafísicas que se inspiram num dos ídolos de Woody; Ingmar Bergman. Na verdade é esta a fase da obra do autor de **Annie Hall** em que a influência de Bergman é mais sugestiva, mais do que na fantasia de **A Midsummer Night's Sex Comedy** inspirada em **Sommarnattens Leende**. **Another Woman** e **Husbands and Wives** são filmes marcadamente "bergmanianos" com os seus casais em conflito, mas é em **Crimes and Misdemeanors** que essa marca é mais visível, com as suas reflexões sobre moral e ética e os conflitos com a realidade, o peso da religião na formação da consciência e os sentimentos de culpa que acarreta, manifestando-se através da angústia, etc. Inclusive, em termos de "citação", possivelmente nenhum filme de Allen é tão fiel como a que faz neste filme, quando a personagem de Judah Rosenthal (magnífico Martin Landau) visita a casa em que vivera com a família em criança e de sala em sala evoca esse passado. Vemos (com ele) um jantar dessa infância em que a família conversa sobre a consciência culpada ou não face ao pecado, dependente da formação religiosa de cada um. Nessa conversa do "passado" imiscui-se o Judah do presente sobre a questão que o atormenta: o assassinato de Dolores (Anjelica Huston). Tanto a evocação como a "intrusão" de um tempo no outro remetem para **Smultronstallet/Morangos Silvestres** na cena da passagem do professor Borg (Victor Sjöström) pela mansão da sua infância. Aliás, como o professor Borg também Judah vai ser alvo de uma homenagem, e

parte da sua história decorre em flash-back a partir dessa mesma festa, e num caso como no outro essa viagem pelo passado serve para pôr em flagrante o contraste entre a imagem que o personagem "transmite" para fora e aquela que esconde, no caso de Judah, o seu secreto "Dorian Gray" onde o adultério se junta ao crime.

Tenho falado muito de "olhares". Possivelmente não há outro filme de Woody Allen em que este tenha tanta importância. Será por acaso que se cite tanto Édipo (mesmo como paródia) e que um personagem (o rabi interpretado por Sam Waterston) esteja a perder a vista? Tudo gira, neste filme, à volta de olhares e da forma como se "vê", compreendendo-se neste último sentido a questão da moral, aquilo que é "justo" ou não. **Crimes and Misdemeanors** surge, por isso, como o mais ambivalente dos filmes de Woody, com personagens representando situações e opções opostas. Daí a forma como o filme é contado, em duas histórias que se desenvolvem paralelamente e em permanente sintonia, uma "ecoando" a outra, esta "comentando" aquela. Poder-se-ia dizer que uma é a "consciência" da outra, ou um outro olhar sobre o mesmo assunto. A questão do "olhar" coloca-se ainda no que diz respeito à profissão de cada uma dos personagens. Lester (Alan Alda) é um produtor de televisão de sucesso: dá ao público aquilo que ele "quer" ver. Clifford Stern (Woody Allen) é um realizador de documentários, tentando mostrar um "outro" olhar sobre o mundo (o resultado final do documentário que ele faz sobre Lester é exemplar o papel do "olhar" no filme: como este pode ser alterado, como pode mudar de sentido, com uma outra montagem). Clifford e a sobrinha, ou a assistente de produção por quem se apaixona (Mia Farrow) passam a maior parte do seu tempo vendo filmes clássicos ou material filmado do documentário. Judah, na outra história, é um oftalmologista, o irmão rabi está a cegar enquanto as mulheres estão "socialmente" cegas: a esposa vive a sua vida de família sem nada mais "ver", a amante é "cega" no seu egoísmo e, por outro lado procura durante todo o filme "ver" a mulher de Judah. Tudo sob o olhar vigilante de um Deus presente em todo o lado e tudo vendo segundo os sermões do pai de Judah, também ele rabi. No meio destes "olhares" onde se coloca Woody Allen, tal como nos habituamos a seguir? Embora ele esteja presente fisicamente, só parte do seu personagem é um "alter ego". Encontramos mais do autêntico Allen na personagem de Lester e na forma como desenvolve as suas ideias criativas. Aliás o filme contém já a ideia (expressa por esse personagem) desenvolvida em **Mighty Aphrodite** quando Lester define a comédia como "tragédia mais tempo" a propósito de Édipo Rei. O que é **Mighty Aphrodite** senão a versão cómica da tragédia de Sófocles?

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico